
Práticas culturais que ressignificam o cotidiano nos espaços urbanos: Corpografando expressões artísticas no Grande Méier¹

Cristiane Carvalho Corrêa²

Cintia Sanmartin Fernandes³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Esta pesquisa, em fase inicial, investiga as diversas comunicabilidades de microeventos⁴ culturais e artísticos nos espaços públicos da região do Grande Méier, subúrbio do Rio de Janeiro. Seguindo rastros e *links* dos atores sociais (Latour, 2012), um desenho rizomático (Deleuze; Guattari, 1995) vai aos poucos dando os primeiros caminhos para o estudo de uma cartografia sensível do lugar (Fernandes; Herschmann, 2015). Seja uma rua, uma praça, pista de skate, arredores de um estádio ou até mesmo de um Hospital Psiquiátrico, as diversas ocupações artísticas sugerem uma potência cultural da região. Apresentação das primeiras derivas realizadas, a partir do método corpográfico da pesquisadora e autora do artigo (Jacques, 2012; Careri, 2013; La Rocca, 2018) e do conceito de ambiência proposto nos estudos de Jean-Paul Thibaud (2012).

Palavras-chave

comunicação urbana; corpografia; cultura urbana; subúrbio; Méier.

Introdução

O Grande Méier é uma região da Zona Norte do Rio de Janeiro formada por 19 bairros, dentre eles o Méier, Todos os Santos, Engenho de Dentro e Engenho Novo, bairros abordados por esta pesquisa. Com o histórico de Princesinha do Subúrbio, a região reunia intelectuais e músicos em seus espaços, além de ser berço de muitos compositores, artistas e escritores, como João Nogueira, D. Ivone Lara, Lima Barreto, Marcelo Falcão (O Rappa), Hamilton de Holanda, Seu Jorge, Millôr Fernandes, entre outros.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Técnicas e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Publicitária pela Facha, especialista em Fotografia, Imagem e Comunicação pela Ucam, servidora técnica da Uerj do Laboratório CAC – Comunicação, Arte e Cidade, do PPGCom/UERJ. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGcom/UERJ. E-mail: cristiane.correa@posgraduacao.uerj.br

³ Doutora em Sociologia Política, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ). Pesquisadora CNPq e PROCIÊNCIA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade- CAC-UERJ. E-mail: cintiasan90@gmail.com

⁴ Na definição dos pesquisadores Cintia SanMartin e Micael Herschmann são práticas culturais de pouca visibilidade na mídia tradicional, elaboradas por grupos e coletivos nas ruas da cidade. O trabalho colaborativo de artistas nestes eventos contribui para a construção do cotidiano e da vida sociocultural da cidade, participando não apenas turistas ou a elite econômica, mas também pessoas de diversos segmentos sociais, estabelecendo novos modos de ocupar a cidade (Herschmann; Fernandes, 2023, p.60).

Este trabalho iniciou-se com deambulações pelo bairro para experimentar a cultura no local onde reside a autora deste artigo. Ainda não era pesquisa, era apenas consumo de cultura e de uma boa cerveja gelada. Nesta época, a pesquisadora já frequentava alguns lugares da região a partir das postagens de uma influenciadora local que passou a divulgar não só o comércio, mas também os atrativos culturais do Grande Méier. Em 2025, já como mestrandia em Comunicação, passou a direcionar o seu percurso pelos lugares utilizando as estratégias teórico-metodológicas que acionam o corpo e os sentidos na experiência da cidade (Thibaud, 2012) e seguiu experienciando os lugares, porém assumindo a deriva como prática e estratégia investigativa (Jacques, 2012; Careri, 2013; La Rocca, 2018).

A região do Grande Méier vem sendo procurada por grandes empreendimentos imobiliários e tem sofrido intervenções em seu território nas últimas décadas, com a Construção da Linha Amarela e do Estádio Nilton Santos e, futuramente, o Parque Piedade. Mesmo assim o bairro ainda conserva espaços públicos para manifestações artísticas e de ocupação de rua. Seguindo rastros e *links*, foram identificados grupos e coletivos artísticos que produziam eventos à margem de espetacularização, que vem de encontro aos recentes debates sobre investimentos em megaeventos na cidade do Rio de Janeiro e uma política de intervenções realizadas pelo Estado.

Em maio de 2024, A Universidade Cândido Mendes - UCAM, campus Méier, promoveu um encontro em seu auditório reunindo os coletivos culturais e ações principais da região. Entre eles estavam a influenciadora digital meiense⁵ Carolina Ferreira, a Mina do Méier; Pedro Rajão, fundador e coordenador do coletivo cultural Leão Etíope; Ivan Errante, dono da livraria-bar *La Belle Époque* e Luiette Ornellas, coordenadora do Círculo Laranja, uma instituição que promove discussões e políticas públicas na região. O encontro fez parte de uma série de atividades comemorativas dos 135 anos do Méier.

Ainda na ocasião, o Círculo Laranja promoveu no *La Belle* um grande encontro de lançamento da Agenda Grande Meier 2030 cuja tema central foi a Cultura, a partir da pergunta: “O que é e o que queremos com a Cultura do Grande Meier?” O intuito foi promover debates e compartilhar experiências, destacando a diversidade e autenticidade das manifestações culturais locais reafirmando o poder transformador da cultura no

⁵ Meiense é uma expressão utilizada por moradores para tratar aquele que vive no Méier e circula por ele. Foi utilizado pelo humorista Paulo Gustavo no filme *Vai que Cola* e que virou programa no Multishow.

território do Grande Méier. No contexto, a Livraria *La Belle Époque* publicou em sua rede social:

O Grande Méier é um território vibrante, repleto de manifestações culturais autênticas, capazes de contagiar todo o subúrbio e além. Temos o poder de fortalecer nossas identidades, preservar a nossa história, sensibilizar, educar e mobilizar, enquanto criamos experiências que servem de inspiração para toda a sociedade carioca.⁶

Este cenário evidenciou uma preocupação dos agentes locais desta região para a questão da disputa das narrativas sobre a ocupação no Grande Méier e a construção de identidades culturais locais.

A proposta deste artigo é apresentar as primeiras derivas das cenas culturais no subúrbio do Grande Méier, problematizando a importância da riqueza cultural das expressões artísticas que ocupam os espaços públicos da região. Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa de Mestrado, em andamento, que busca cartografar processos comunicativos nas ocupações artísticas dos espaços urbanos do Grande Méier.

Primeiras deambulações/primeiras derivas

Em deambulações realizadas em 2024 foram previamente identificados espaços, coletivos e eventos que sugerem potências culturais da região:

La Belle Époque é um conglomerado de uma livraria e bar cultural. Ocupa uma pequena parte da Rua Soares, do outro lado do Méier⁷, que fica interditada para passagem de carros. Mesinhas e cadeiras são colocadas na rua e formam uma extensão do espaço, onde as pessoas consomem petiscos e cervejas, abrigadas sob um grande toldo de circo. É possível degustar a cerveja de fabricação própria, que leva o mesmo nome. Acontece um sarau de poesia com Karaokê toda quarta-feira e diversas apresentações culturais em outros dias, como apresentações de rodas de samba, bandas de rock, fanfarra, batuque, *stand up*, *groove*. No espaço também é montado uma feira de livros e artesanatos, nos eventos aos finais de semana. O *La Belle* também promove oficina de pernas-de-pau e

⁶ Instagram: @livrariabellepoque. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7P3DrJqxA/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

⁷ O bairro se divide no imaginário local pelas expressões: “deste lado do Méier” ou “do outro lado”, de acordo com a constituição geográfica de subúrbios cortados pela malha ferroviária. Neste caso, adotaremos a localidade pertencente à principal rua do bairro, a rua Dias da Cruz, como “deste lado”, região em que encontramos as principais vias de acesso ao bairro, suas principais ruas e complexos comerciais. Isso possui uma certa influência sobre valores imobiliários de moradias, onde o espaço “do outro lado” é menos dispendioso, assim como também diferencia nas políticas públicas e de ocupação dos espaços.

instrumentos de sopro, percussão e cavaco que compõe o *La Belle Bloco*, formado predominantemente por mulheres, cujo ensaio é em uma pequena praça perto da rua, a praça Lima Barreto ou mesmo na rua, em frente ao *La Belle*.

A Praça Agripino Grieco é uma praça localizada no início da Rua Dias da Cruz, antes do entroncamento com a Rua Hermengarda e Rua Ana Barbosa, onde encontramos um ícone da região, o símbolo do Lions Clube, popularmente conhecido como Leão do Méier. Toda sexta-feira à noite a praça é ocupada pela Roda de Capoeira Saravá, de Mestre Ninho e no último domingo do mês, o Grupo Afrolaje ocupa a praça com jongo, samba de roda e capoeira angola, coordenada pela cantora e multiartista Flávia Souza. Pelo dia, a praça é local de estudantes e transeuntes que ali se sentam para estudar, descansar ou comer um sanduíche do Mc Donald, em frente à praça. Palco de várias manifestações populares e políticas, a Praça do Méier, como é conhecida, também é ocupada pelo coletivo Leão Etíope do Meier. O projeto ocupa a Praça desde 2014 com a projeção de filmes e debates, aulas públicas, feiras, gastronomia e shows. É comum ver eventos correspondentes na Praça Agripino Grieco e no *La Belle* ou até mesmo um evento começar em um ponto, se deslocar pela passagem da Estação de trem do Méier e terminar no outro ponto.

A Praça do Mini Ramp é uma área de lazer, com pista de skate e um anfiteatro semicircular, com árvores e gradil. A sua localização fica ao lado do Viaduto do Méier, que interliga os dois lados do bairro. Atualmente ela fica fechada por conta da ocupação dos moradores de rua e é permanentemente limpa pela Comlurb, empresa de limpeza urbana da Prefeitura do Rio de Janeiro. No portão está escrito: “Não pule!!!! Peça a chave aos Cria”. Toda 4ª feira à noite o espaço é palco para a RCM - Roda Cultural do Meier, comandada pelo MC Farô, com Batalha de MCs, pocket show, microfone aberto para quem chegar e quiser se expressar de alguma maneira. Preferência para público LGBTQIAPN+, Mulheres, Pessoas PCD e de outros estados.

Esta pesquisa teve como ponto de partida três ocupações distintas: a Rua Soares, a Praça Agripino Grieco e a Praça do MiniRamp. Nas derivas, utilizando a Teoria Ator-Rede (Latour, 2012), rastreamos mais três lugares de investigação a partir desses grupos culturais: a - Jardim do Méier, situado do outro lado da estação do Méier, ao lado do Hospital público Salgado Filho, ocupado eventualmente pelo coletivo Leão do Méier e pelo *La Belle Bloco*; b - Galpão do Engenhão, nos arredores do Estádio Nilton Santos, do outro lado da estação do Engenho de Dentro, ocupado pela Roda Cultural Batalha do

Engenhão; c - Complexo do Hospital Psiquiátrico Nise da Silveira, bem próximo à Linha Amarela, deste lado da Estação do Engenho de Dentro.

Sendo assim, o caminhar da pesquisadora produziu um mapa sensível⁸, entrecruzando lugares e grupos culturais a partir de suas relações:



Mapa corpográfico grupo x lugar da região, produzido pela pesquisadora.

A corpografia⁹ utilizada nos permite compreender significados dos lugares e suas práticas culturais que emergem nas interações sensíveis entre o corpo e o espaço urbano, na experimentação mútua em que o corpo apreende o ambiente por meio da interação no espaço. Foi utilizada neste estudo a observação participante que considera a sensibilidade, laços sociais fluidos, a errância e o nomadismo como perspectiva teórica-metodológica.

Este primeiro mapa indicou a possibilidade de pensar na perspectiva interseccional para a análise em relação à experienciação de cidade em todos os grupos culturais, em especial da Roda Cultural Hip-Hop, também conhecida como Batalha do Engenho - BDE. Um recorte a ser analisado, acrescentando a questão de gênero no entrecruzamento grupo x lugar.

⁸ Mapas investigativos na interação corpo-cidade a partir de rastros que priorizam não só as narrativas e histórias, mas também problematizando a importância das mediações cotidianas dos atores sociais, apreendendo modo de vivenciar e experimentar o território.

⁹ Ato de caminhar como prática reflexivo-metodológica proposto por Paola Jacques (2012) e Careri (2013).

A BDE ocupa o Galpão do Engenhão, em frente à Nave do Conhecimento. É um evento organizado por mulheres desde março deste ano e promove encontros duas vezes ao mês, às sextas-feiras, a partir das 19h. O que foi observado em campo é que a disputa por uma organização feminina parece fazer com que essas mulheres estabeleçam alianças (Butler, 2018) com a Roda Cultural do Méier – RCM - por meio das batalhas de hip-hop. Em conversas informais com uma das organizadoras do evento, ZoPessoa, em maio deste ano, a intenção é tornar o ambiente cada vez mais inclusivo para as batalhas de hip-hop, um evento para (e com) mulheres cis, trans e não-binárias. De fato, a BDE, nesta gestão feminina, em muitos aspectos se diferencia da RCM: além de oficina de charme, promove batalha de *bomb*, grafitti, oficina para iniciantes em *slam*, desenvolvimento de *mcs* e desfile de moda urbana. Para as “minas, monas e manas” as vagas já são confirmadas.

Com o slogan “hip hop salva vidas”, a BDE promove ações artísticas junto ao Instituto Nise da Silveira, nos espaços do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, no Engenho de Dentro. Na edição de abril deste ano, a BDE organizou a seletiva estadual de batalha de rimas no Bosque D. Ivone Lara, no Nise da Silveira, apenas para mulheres cis, trans e não-binários e promoveu intervenções artísticas no Beco das Mulheres, também no complexo Nise da Silveira, com batalha de grafitti cuja temática eram as mulheres importantes para a região, entre elas a Carolina Ferreira, a Mina do Méier.

A partir do sensível, temos analisado a região pelas representações de cidades, destacando o protagonismo feminino dos grupos artísticos, suas articulações com os imaginários, tecnologias, corpos, arte e cultura. Com um corpo-pesquisadora mulher, as escolhas dos lugares de investigação desta pesquisa estão cada vez mais com o olhar sensível da corpografia da pesquisadora para o protagonismo das mulheres e suas ocupações, nos permitindo deixar levar pela desorientação da cidade, pela fruição, pelas partilhas e pelos itinerários percorridos para identificar lugares potentes a partir das expressões de femininos e traçar um mapa investigativo próprio, a partir dos rastros. Somos pesquisadoras-formiga compreendendo lentamente os percursos (Latour, 2012).

Para analisar o rizoma suburbano desta pesquisa em Comunicação, partimos da concepção cartográfica de Deleuze e Guattari (1995), embora a pesquisadora esteja desenvolvendo uma alegoria para as ramificações de relações com maior profundidade a partir da metáfora do fungo *Cordyceps* em formigas, fazendo parentescos conforme

Donna Haraway (2023)¹⁰. Para abordar a comunicação e seus espaços, recorreremos aos estudos de comunicação urbana. A professora e arquiteta Lucrécia Ferrara (2008, p.43) nos atenta para o complexo sistema comunicativo da cidade: “Enquanto construção, a cidade é meio, enquanto imagem e plano, a cidade é mídia, enquanto mediação, a cidade é urbanidade”. A cidade é, portanto, objeto e sujeito de comunicação. Corpo e cidade estão em interação nos espaços, influenciando modos de viver e sentir (La Rocca, 2023). Os corpos presentes, mesmo que momentaneamente, ao se relacionarem entre si e com a arquitetura dos lugares, promovem uma estesia, empregando a estética nas interações, promovendo a sociabilidade conduzida pela expressão artística (Thibaud, 2012).

Ao utilizar o corpo-pesquisadora mulher em campo, este corpo mediador provocou apreensões sobre os estilos de habitar os lugares pelas experiências das mulheres, o que explica a delimitação desta pesquisa.

Considerações Finais

Com esse trabalho, a tentativa é buscar os primeiros caminhos para uma pesquisa sobre as ocupações artísticas nos espaços urbanos a partir dos desvios alicerçados nos atores sociais envolvidos por meio de estratégias estéticas. As territorialidades produzidas (Fernandes; Herschmann, 2015, p. 291) ressignificam o território a partir da experiência estética coletiva. A escolha pelo percurso cartográfico permite analisar as dinâmicas dos grupos sociais em seus territórios de uma cidade também dinâmica, de fluxo intenso, de teias rizomáticas, nas heterotopias do fazer-com.

Buscando analisar um universo extenso, este estudo está delimitando abordar os espaços do Grande Méier nas ocupações artísticas pelas expressões múltiplas dos femininos, aprofundando a compreensão das identidades culturais no entrecruzamento de gênero. Esta estratégia visa identificar potências femininas talvez fora da percepção de agrupamentos culturais da região, empreender novas narrativas, ampliando percepções sobre a cidade em seu cotidiano, na dimensão do vivido, da arte, nos imaginários, nas performances, nas identificações e nos tensionamentos.

¹⁰ A analogia das formigas na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012) na participação das redes sociais e o fungo *Cordyceps* que, ao parasitar as formigas, muda o seu caminhar, tornando-as errantes. A partir da leitura do *Cordyceps* nos estudos de artrópodes e na série *The Last of Us*, exibida pela HBO.

Referências

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. **Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música**. Revista Fronteiras, v. 17, n. 3, 2015.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; REIA, Jess; GOMES, Patricia (org.). **Arte, comunicação e (trans)política**: a potência dos femininos na cidade. [E-book] Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2021.

FERRARA, Lucrécia. **Cidade: meio, mídia e mediação**. Matrizes, N. 2, Abril 2008.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 edições, 2023.

HELAL, Carla Leal R.; CORRÊA, Cristiane Carvalho; SILVEIRA, Ana Julia. **Protagonismo, resistência e territorialidades**: a atuação da roda de samba Moça Prosa na “Pequena África”. In: Intercom - 46. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: INTERCOM, 2023.

HELAL, Carla Leal R.; CORREA, Cristiane Carvalho. **Alianças, redes e afetos**: o Moça Prosa e as mulheres fazedoras de samba na luta pelo direito à cidade. In: Intercom – 47. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024, Balneário Camboriú. XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. UNIVALI, setembro de 2024, Balneário Camboriú - Santa Catarina. São Paulo: INTERCOM, 2024. v. 1. p. 1-11.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **A Força Movente da Música**: cartografias sensíveis das cidades musicais do Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Sulina, 2023.

INSTAGRAM: @livrariabellepoque. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/C7P3DrRJqxA/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LA ROCCA, Fabio. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LA ROCCA, Fabio. **A constelação sensível do imaginário das ambiências urbanas**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 15, n. 35, p. 8-19, maio/ago. 2023.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

THIBAUD, Jean-Paul. **A cidade através dos sentidos**. Cadernos PROARQ, v.18, 2012.